

D. Pedro II : Primeiro Ambientalista do Brasil



D.PEDRO II e MAJOR ARCHER , O PRECURSORES DA SILVICULTURA NO BRASIL.

No século XIX a exuberante Mata Atlântica que recobria as belas montanhas do Rio de Janeiro, foram dizimadas pelo corte de madeiras nobres, pela extração de lenha para os engenhos de cana e pelos desmatamentos para o cultivo de milho, mandioca e café. À medida que sumiam as matas, escasseava a água. Cidade do Rio Janeiro séc.XIX Fig.01

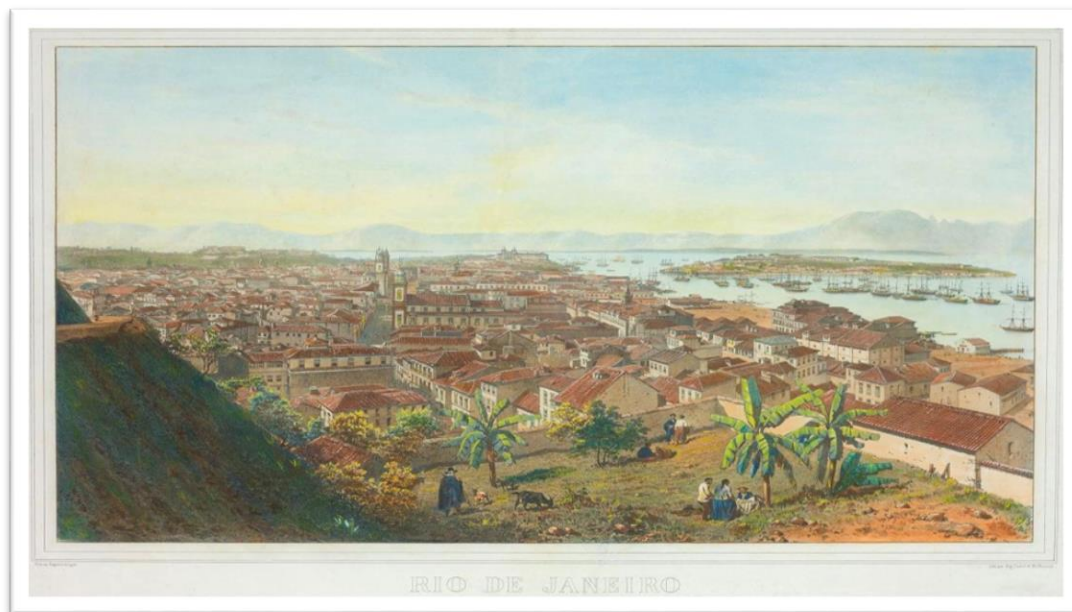


Dom Pedro II, criou em 1861, a Floresta da Tijuca iniciando um ambicioso programa de recuperação da vegetação. Sob o comando do Major Archer, e ajuda de cinco escravos, mais de 100.000 árvores nativas foram plantadas em 13 anos. É essa floresta, regenerada pela ação do homem e da natureza, que compõe o Parque Nacional da Tijuca, a maior e mais bela floresta urbana do mundo. Criado em 1961 o Parque tem cerca de 4000 ha.

Possui 1550 espécies vegetais, rica fauna, 120 sítios arqueológicos, históricos e arquitetônicos, grutas, cachoeiras, vales e montanhas. Com centro de visitantes, casa de pesquisadores, trilhas sinalizadas, mirantes e ampla programação cultural, o Parque transformou-se em um centro de esporte e lazer: escaladas, ginástica e vôo livre, convivem com práticas religiosas e passeios.

Ali está, no Morro do Corcovado (710 m.), o atrativo turístico mais visitado do país, a imponente estátua do Cristo Redentor, com 38 metros de altura (mais 10 de base), de onde se descortina mais bela vista panorâmica da "Cidade Maravilhosa". A Estátua, construída por Heitor da Silva Costa, teve sua cabeça, mãos e pés esculpidos pelo polonês radicado na França Paul Landowski e foi inaugurado em 1931. Incrustado na malha urbana, entre favelas e condomínios luxuosos, o Parque se recente dos problemas típicos de uma metrópole como o Rio de Janeiro. Seu programa "Parque Urbano da Paz", baseado na educação ambiental e forte compromisso social faz do Parque da Tijuca, um exemplo de convívio entre a floresta, o homem e a cidade.

Cidade do Rio Janeiro séc.XIX Fig.02.



A concentração populacional e o caráter predatório da exploração dos recursos naturais vem preocupando governos e instituições desde o início do século XIX, momento em que eclodiu a Revolução Industrial. Toma corpo a partir de então, em defesa do meio ambiente, uma mentalidade conservacionista que adotaria o lema "usar sem destruir".



Rugendas, "Desmanche de uma floresta", c.1820-1825. [Centro de Documentação D. João VI

O Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX enfrentava sérios problemas de urbanização com reflexos visíveis na qualidade de vida. **Quase meio século havia decorrido desde a chegada da família real portuguesa e seu séquito, com a população acrescida, repentinamente, de cerca de 20.000 pessoas.**

Mas os efeitos dessa transformação ainda se faziam sentir, principalmente no que se referia ao abastecimento de água potável, que atingia níveis críticos.

Os mananciais de então, situados nas encostas de Santa Teresa e do Corcovado, tinham seus cursos canalizados até alcançar os chafarizes e torneiras localizados em diversos pontos da cidade.



Rugendas, "Colheita do café", 1835. [NYPL Digital Gallery]

Dali, através dos **"Aguadeiros" - escravos - a água era conduzida às residências e estabelecimentos públicos e comerciais.** As atenções dos administradores voltavam-se, assim, para os mananciais das encostas da Tijuca, em especial o rio Maracanã. O problema é que a partir do século XVIII essas encostas vinham sendo paulatinamente divididas em sítios e fazendas, dadas as suas condições propícias para a agricultura: fácil acesso e água em abundância.



Detalhe da litografia de Alfred Martinet "Serra da Tijuca, Bella Vista", de 1849. [Fundação Biblioteca Nacional]

Tal procedimento resultou na devastação das matas, fato agravado pela extração de lenha e fabrico de carvão - os combustíveis da época - além do corte de madeiras-de-lei para construção. Tudo isso formava um cenário desolador.

Diante da escassez que cada vez mais se acentuava, a única preocupação naquela época era aumentar o volume das águas dos mananciais através de práticas intensivas de reflorestamento das nascentes. É nesse contexto que são tomadas as primeiras medidas efetivas para implantação da Floresta da Tijuca, iniciativa de Almeida Torres, então na Pasta do Império, em 1848. Entre outras providências era sugerida a destinação de uma verba para desapropriação dos terrenos necessários ao reflorestamento daquela área.

A propósito, foi nas encostas da Tijuca que tiveram origem os primeiros cafezais do Brasil. Mais tarde essas culturas iriam expandir-se para a Província do Rio de Janeiro, principalmente para o Vale do Paraíba, até alcançar as terras roxas dos planaltos de São Paulo, onde iriam encontrar o seu habitat ideal. A implantação das lavouras de café no território fluminense foi simplesmente desastrosa: as queimadas que visavam a expansão das áreas de cultura, consumiram impiedosamente uma flora exuberante, rica, inclusive, em madeiras-de-lei. Foi este um dos maiores fatores de devastação da Mata Atlântica no Estado do Rio, hoje reduzida a um percentual insignificante da mata original. Diga-se, a bem da verdade, que não faltaram medidas preventivas e punitivas. Um exemplo é a carta régia expedida em maio de 1797 pelo príncipe-regente D. João, depois coroado rei D. João VI, que visava a "conservação das florestas da colônia".

LEIS, REALMENTE, NUNCA FALTARAM; MAS TAMBÉM NUNCA FORAM CUMPRIDAS ...

Em 11 de dezembro de 1861 D. Pedro II baixava instruções provisórias cujo art. 1º versava sobre plantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras. Treze anos eram decorridos desde a iniciativa do ministro Almeida Torres. Em 18 de dezembro de 1861 o imperador designava o major Manoel Gomes Archer para administrar a Floresta da Tijuca. Nascido no Rio de Janeiro em 21 de outubro de 1821, dele não há muitas referências bibliográficas. Em alguns documentos aparece vagamente como engenheiro e, ao que se sabe, não era militar. O uniforme que ostenta em sua foto mais divulgada seria de "moço do paço", e a patente teria algo a ver com a Guarda Nacional, a quem devemos muitos "coronéis" por esse Brasil afora. O que importa, mesmo, é que Archer era um verdadeiro amante da Natureza, com grande prática de silvicultura adquirida no trato direto e permanente com a terra, em sua fazenda Independência, na localidade de Guaratiba.



Acima gravura da representação de Debret da "Grande Cascata da Tijuca". Esta cascata fica na Estrada das Furnas, e segundo um funcionário do Centro de Visitantes da Floresta da Tijuca, hoje em dia está descaracterizada. No século 20 foi construída uma represa e instalada uma fábrica que funcionou nas imediações por muitos anos.



Casa da família de Nicolas Taunay ao lado da Cascatinha que leva seu nome. A casa não mais existe e no local hoje em dia existe uma praça e um restaurante.

Cascatinha - Nicolas A. Taunay
website: www.riodejaneiroaqui.com



Cascatinha em óleo sobre tela, de Nicolas Antoine Taunay, representada provavelmente quando adquiriu o sítio. Observe que existia uma antiga ponte em arco, em frente à cascata, que teria sido construída pelo Conde Gestas, antigo proprietário anterior à Taunay. A ponte atual, foi construída por Job de Alcantara em 1865.

Félix Emile Taunay - 1848
Museu Nac. Belas Artes
Website: www.riodejaneiroaqui.com



Em 1848, Felix Emile Taunay representou em uma pintura a exploração e desmatamento da floresta, que estava sendo reduzida à carvão. Clique sobre para ampliar e observe do lado direito a extração de madeira e do outro lado esquerdo parte de mata virgem com belezas naturais como quedas d'água.

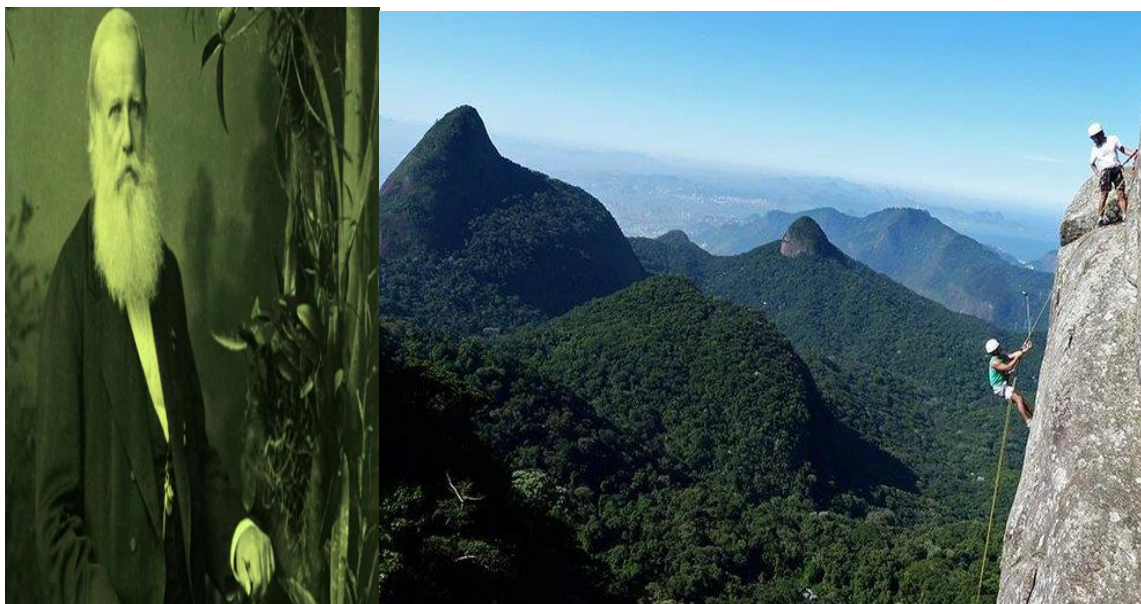
O ciclo café no Rio de Janeiro foi iniciado por proprietários franceses. A rotina seguida para exploração da floresta se iniciava com a compra da terra, desmatamento para venda de madeira como carvão, e após terreno "limpo", plantio do café. O auge do ciclo do café no Rio de Janeiro aconteceu na primeira metade do século 19, tendo sido iniciado por proprietários franceses, nobres refugiados da revolução francesa e depois por seguidores de Napoleão Bonaparte, após sua queda.



Colheita de Café representado por Rugendas, em 1835. Pela vista que se vê ao fundo, este local deve ser na Gávea Pequena, na Serra da Carioca, uma extensão da Floresta da Tijuca, que fica entre o Alto da Boa Vista e Jardim Botânico. O local poderia ser nas imediações do local chamado de Vista Chinesa ou cercanias.



Acima, a Cascatinha da Tijuca vista mais ao fundo, no centro da foto a ponte de Job de Alcantara de 1865. A foto foi tirada de uma pequena praça em um plano inferior, construído por Castro Maya.



Estamos vendo um legado florestal do séc. XVIII, que surgiu diante uma situação de fatores climáticos e populacionais da Cidade do Rio de Janeiro. E um governante culto que toma uma decisão ecológica.

Que gerou um bem ambiental inestimável para as futuras gerações do séc. XXI. Mas infelizmente os governantes atuais poucos tem a sensibilidade ambiental, são considerados “Mercenários Ambientais Chucros”. Mais da metade do Brasil se tornou pasto e agricultura. Estes” produtores agro -industriais do séc. XX”, também são ignorantes ambientais que cortaram grandes complexos ambientais...

Como a Floresta Amazônica, o Cerrado do Brasil Central e a Floresta Atlântica que cobria uma faixa a 1000 km de forma irregular do litoral para o interior do país. Não podemos esquecer que a vegetação e clima formam sistemas integrados. Além de outros agentes naturais que estão sendo destruídos ou alterados. Se o”Agro- Negócio” destrói mais que necessita as reações ambientais se acentuam no ciclo hidrológico: Chuvas, rios e outros.

Nós estamos suprimindo os Complexos Florestais e quando isso acontece as chuvas são alteradas. O clima no Brasil está alterado e como sabemos isso tudo vai se agravar. Uma das soluções e o” Re - Plantio da Floresta Original”, não o Reflorestamento de Eucalipto. Será que os grandes proprietários agrícolas darão uma pequena porcentagem dos milhares de hectares para o plantio de florestas naturais??? Ou todos perderão tudo é uma escolha difícil para os dias de hoje...

Mas existem outros que podem dar a sua contribuição para o Meio Ambiente: Grandes cidades, população e a produção do lixo, a educação ambiental coletiva e pessoal... Veja, senhores governantes, grandes agricultores e criadores de gado, Industria da mineração ...A história se repete uma grande cidade e a falta de água no passado e no presente. Veja e siga exemplo do Grande Imperador D. Pedro II e a Floresta da Tijuca no séc. XIX. (Pschen 28/08/2001)

Bibliositegrafia:

http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/11_Parque%20Nacional%20da%20Tijuca.pdf

<https://www.viator.com/pt-PT/tours/Rio-de-Janeiro/Hiking-and-Rappelling-Adventure-at-Tijuca-Forest-National-Park/d712-13877P21>

<https://rciararaquara.com.br/geral/visita-de-dom-pedro-ii-a-araraquara-completa-nesta-terca-132-anos/> Foto D. Pedro II.

http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/mst20020316.htm / Mj. Archer

<https://tvbrasil.ebc.com.br/expedicoes/episodio/reflorestamento-da-floresta-da-tijuca> Clip.Mj. Archer

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.127/3700>

<https://www.riodejaneiroaqui.com/pt/historia-da-floresta-da-tijuca-parte2.html>

<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20241/georges-leuzinger-editor>